



O QUE FIZEMOS E PODEMOS FAZER SOBRE O PATRIMÔNIO MOBILIÁRIO MODERNO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA?

ARANTES, EDUARDO G.

1. Universidade de Brasília. Instituto de Artes. C. Darcy Ribeiro SG1. Asa Norte. 70910-900. edugrantes@unb.br

RESUMO

Tendo passado mais de meio século desde a construção de Brasília e de sua Universidade primogênita, este artigo pretende dialogar sobre o Patrimônio Mobiliário Moderno Brasileiro, sendo este um dos principais legados patrimoniais remanescentes destas épocas iniciais da capital, há 60 anos. Portanto, propõe-se o artigo a fazer um resgate histórico, a fim de conscientizar o leitor da importância deste mobiliário e, em seguida, examinar ações referentes à restauração do patrimônio mobiliário moderno no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Uma destas ações é a recente restauração do móvel (sofá Odilon), que se encontra atualmente no Departamento de Artes Visuais, de autoria de Sérgio Rodrigues, autor que será referenciado e sua obra mobiliária analisada equivalendo-se dos preceitos de restauração preconizados por Cesare Brandi. Como complemento, cita-se a recente restauração do Auditório de Música da UnB, cuja intervenção pode também se relacionar com os conceitos da Teoria de Restauro de Brandi. Por último, conclui-se o artigo, orientando àqueles que buscam se aprofundar no assunto, sobre o quê buscar e como fazê-lo.

Palavras-chave: Patrimônio Mobiliário; Design; Cesare Brandi; Sérgio Rodrigues; Universidade de Brasília



Introdução

Este artigo tem por objetivo evidenciar a importância e relevância da preservação do Patrimônio Mobiliário Moderno Brasileiro, em especial, na Universidade de Brasília. Para tanto, inicialmente faz-se um resgate histórico sobre os principais aspectos de interesse temático, transcorridos à época da criação de Brasília e de sua Universidade primogênita, para que o leitor tenha uma ideia clara a respeito da relação existente entre o mobiliário como parte integrante do projeto de arquitetura moderna, de uma maneira geral e, especificamente, da arquitetura da UnB. Na sequência, trata-se da necessidade da fabricação e aquisição do mobiliário moderno existente neste período, assim como dos arquitetos(as)/designers brasileiros responsáveis pela elaboração dos mesmos. Em seguida, examina-se a questão: O que fizemos e podemos fazer sobre o Patrimônio Mobiliário Moderno na Universidade de Brasília?

Esta questão tem suscitado muitas reflexões atualmente, inclusive sendo estas promovidas pelo próprio meio acadêmico, pois a discussão abrange os interesses da própria Instituição e de seus membros integrantes, com relação ao que fazer sobre seu Patrimônio Mobiliário. Para citar alguns exemplos de produções sobre o tema, temos o livro: *Mobiliário Moderno: das pequenas fábricas ao projeto da UnB* (Editora UNB. Ed.2014); os periódicos da Oficina-Escola de Restauro de Mobiliário Moderno (Editora IFB. Ed.2018 e 2019) e as Teses de Doutorado: *A dimensão emocional no design do móvel brasileiro* (2015) e de Mestrado: *Arquitetos-designers. O mobiliário moderno da Universidade de Brasília* (2014).

Desta forma, com o propósito de situar o leitor e ampliar a visão acerca do tema, busca-se primeiramente apresentar um autor de notável contribuição para a composição do mobiliário moderno brasileiro, o autor selecionado foi Sérgio Rodrigues, e sua obra recém-restaurada, o sofá Odilon, que se encontra hoje no Departamento de Artes Visuais. Como complemento, cita-se a restauração do Auditório de Música do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (mais especificamente as poltronas do Auditório), cujo projeto merece destaque dentro da vasta obra de autoria do também arquiteto e designer João Filgueiras Lima (Lelé).

Desta maneira e, no sentido de demonstrar o que de prático e concreto fizemos (ou tem sido feito pelos agentes patrimoniais responsáveis) sobre o Patrimônio Mobiliário na UnB, fez-se necessária a análise da restauração destes mobiliários, com um laudo técnico e apresentando os detalhes dos reparos, demonstrando inteiramente a sua relevância nos dias atuais como resgate patrimonial e histórico. Após as investigações, depreende-se que tais ações podem ser realizadas em outros móveis, constatando, assim, que podemos fazer mais, ou ainda realizar algo maior sobre a preservação do Patrimônio Mobiliário Moderno no futuro, utilizando-se de processos semelhantes ou até melhores. Revela-se enfim, um crescente interesse



por parte da comunidade acadêmica pela preservação do mobiliário moderno, assim como um apreço desta pela arte do restauro e conservação.

Por último, a conclusão do artigo, onde se realiza o fechamento das ideias principais abordadas no mesmo, ressalta a importância da preservação do mobiliário e, busca aclarar a afirmação inicial que norteia o texto, sobre o que fizemos e podemos fazer sobre o Patrimônio Mobiliário Moderno na Universidade de Brasília? Aponta, ainda a direção de como e onde aqueles que queiram se aprofundar no assunto podem fazê-lo (através de matérias, livros, simpósios, etc.).

1. O móvel moderno e a indissociabilidade com a Arquitetura Moderna

Ao caminhar pelos espaços do campus da Universidade de Brasília, em meio a paisagem do cerrado, observamos a arquitetura construída com diversos detalhes que, ao olhar de um observador atento, revelam sua história e a forma com que os construtores a imaginaram e a moldaram. De maneira similar pela qual observamos a paisagem arquitetônica, podemos analisar também o Mobiliário Moderno da Universidade, que, com suas particularidades, seu design e características próprias, podem nos revelar sua história e como quiseram os arquitetos(as)/designers da época imprimir nestas obras suas próprias personalidades e traços individuais, compondo uma harmonia intrínseca entre arquitetura ambiente e mobília.

Tendo isto em mente, iniciaremos pela história do Mobiliário Moderno em Brasília que começou a ser escrita há 60 anos, onde a “nova capital do Brasil” ia tomando forma, na qual foram surgindo os espaços e, com eles, estes móveis, de acordo com a necessidade que se apresentava em cada um dos órgãos públicos¹. Na Universidade de Brasília não foi diferente. Chamados pelo próprio Darcy Ribeiro, artistas, arquitetos, desenhistas, engenheiros, muitos já bem quistos e conceituados à época, foram convocados para auxiliar na produção emergente de construção, assim como da criação e fabricação de peças mobiliárias para compor o insólito ambiente arquitetônico presente.

Junto à construção da Universidade ocorre um fato marcante para o desenvolvimento dos projetos dos edifícios da UnB (dentro das determinações do plano de Lucio Costa), foi criado no mesmo ano o Ceplan, Centro de Planejamento Arquitetônico e Urbanístico². Na oportunidade, Oscar Niemeyer foi nomeado como coordenador, Lucio Costa e Joaquim Cardoso como consultores do novo centro.

¹ Como as obras mobiliárias do Palácio do Itamaraty (à exemplo da mesa de jacarandá na figura 2), onde encontra-se no Palácio um acervo amplo de obras de arte e mobiliário, tanto clássicas quanto modernas.

² Muitas peças do mobiliário da UnB foram desenhadas no próprio Ceplan, a partir da iniciativa do arquiteto carioca Elvin Mackay Dubugras (1929-1999). Dubugras produziu entre 1962 e 1965 uma série de móveis em madeira, utilizando um maquinário que até hoje faz parte da oficina do Instituto de Artes da UnB.



Partindo do Ceplan, outros espaços dentro da Universidade foram sendo construídos e, com eles, a necessidade de que houvesse um mobiliário condizente. Para isso, foi criada uma fábrica de móveis, que foi tão importante para a produção do mobiliário moderno na época como para a composição do patrimônio que possuímos atualmente como legado, de onde ainda restam exemplares, espalhados, principalmente, pelo Campus Darcy Ribeiro. Portanto, a preservação do mobiliário trata-se em cuidar destes referidos móveis confeccionados no Campus e de outros que foram trazidos para compor a coleção existente no presente. Sobre os inícios da Universidade e da fábrica de móveis, nos relata o professor Flávio Tavares, jornalista e um dos fundadores da Universidade de Brasília:

“Tudo era novo. As “disciplinas de integração” faziam com que um aluno de Arquitetura, por exemplo, cursasse matéria de Direito ou Comunicação, e vice versa. A diversidade devia levar à convergência e, assim, chegaríamos a um país sem abismos sociais. Também no mobiliário tínhamos que ser criativos, pois o ambiente material devia acompanhar a visão e a mentalidade pensada para a UnB por seus três grandes idealizadores – Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e frei Mateus Rocha. Nesse contexto, a marcenaria da Universidade teve uma função exponencial. No canto esquerdo do campus, descendo em direção ao Lago Norte, o imenso galpão de madeira da marcenaria não é apenas uma fábrica de móveis: é um “atelier” de artistas.” (CALHEIROS. Mobiliário moderno, pág. 25)



Figura 1: Marcenaria e serralheria da UnB, remanescente da primeira “fábrica de móveis” da Universidade.

Fonte: site da prefeitura UnB
(acesso em 2021)



2. O móvel moderno e a indissociabilidade com a Arquitetura Moderna

2.1. Sérgio Rodrigues e sua irreverência tipicamente brasileira que marcaram época

Sérgio Rodrigues é um designer e arquiteto muito importante na história do design e arquitetura brasileira. Suas peças criadas traduzem a personalidade e trazem à tona esta identidade tipicamente brasileira tanto pelo desenho como pelos materiais utilizados, em especial o couro e a madeira. Entre suas principais contribuições para o mercado, destaca-se os móveis voltados à produção industrial, onde, em grande parte, buscaram refletir a raiz cultural do Brasil, ou a “brasilidade”, onde suas peças de caráter robusto e design singular, “brincam” com o imaginário das pessoas, ao passo que se fazem úteis no cotidiano dos mesmos.

Assim, com o objetivo de contribuir com a composição da Universidade que estava sendo construída, conforme nos mostra este relato sobre a vida de Sérgio Rodrigues, intitulado “Bossa em Brasília”, ele começou a receber encomendas, principalmente de Darcy Ribeiro, para projetar móveis para a recém-inaugurada capital do Brasil. A respeito disso, Sérgio diz:

“Eu percebi que Brasília estava surgindo com aqueles palácios, com aquelas arquiteturas especiais e não tinha um interior condizente com a arquitetura que estava sendo apresentada. Você sentia falta do mobiliário, via que não complementava. Então, determinados ambientes em Brasília, inicialmente, eram de peças de complementos de arquitetos estrangeiros. Havia peças maravilhosas. Mas eu achava que já que havia sido criada uma arquitetura monumental com pinta de Brasil, com alguma coisa de Brasil, a parte de complementos desses ambientes devia ser brasileira também. Devia ter alguma coisa de Brasil. Devia ter alguma coisa que refletisse a nossa cultura, os nossos materiais usuais. Uma coisa de cultura brasileira poderia ser a parte indígena. A parte histórica aplicada ao conceito do mobiliário. Então eu disse: “Vou lutar para que isso possa ser feito.” E feito com vantagens, utilizando materiais brasileiros. (A Bossa em Brasília. Cap.15. Texto e pesquisa: Regina Zappa)

Dentro de sua obra, legada à Universidade de Brasília, destaca-se o sofá Odilon, que recebeu este nome homenageando o sociólogo paraibano Odilon Ribeiro Coutinho. Inicialmente foi feito em couro, porém não é de uma materialidade imutável, podendo ser revestido por outras opções como o tecido. A madeira de jacarandá também está presente dando sustentação ao móvel, onde, portanto, o “couro e a madeira” são os principais “materiais brasileiros” utilizados, aos quais se refere Sérgio Rodrigues.



2.2. Sobre a necessidade de restauração em mobiliários e a análise desta a partir da Teoria da arte e do restauro de Cesare Brandi

Conforme o tempo vai passando, o mobiliário pode sofrer com a ação de diversos fatores, como as de intempéries climáticas que causam corrosão, os gastos devido ao desgaste pelo uso ou até de fatores inerentes a este móvel, relacionados ao envelhecimento dos materiais que o compõem (a exemplo do sofá Odilon do Título 2.3). A preservação pode servir na atenuação de vários destes fatores, mas quando a situação do mesmo móvel já não se encontra em bom estado, correndo até mesmo o risco de se perder o objeto, é imprescindível uma intervenção direta, denominada restauração, que visa, segundo Cesari Brandi, resgatar a “unidade potencial da obra”.

Esta ação reparadora, para além de ser simplesmente um ato de “consertar algo”, já se consolidou há muito tempo como uma “arte” mesma, a arte do restauro. Entre tantos motivos para tal qualificação, destaca-se a acuidade necessária para fazê-la, a responsabilidade, por tratar-se algumas vezes de um patrimônio cultural³ e o anseio esmerado pela obra acabada. Além disto, a arte da restauração tem ganhado cada vez maior espaço em questões debatidas na contemporaneidade devido aos discursos de preservação da memória e conservação do patrimônio histórico. A este respeito, temos o conceito de Giovanni Carbonara, outro estudioso sobre a Teoria da restauração, contemporâneo a Brandi, que esclarece o significado da do termo restauração:

“Por restauro, portanto, entende-se qualquer intervenção que tenha por objetivo conservar e transmitir para o futuro obras de interesse histórico, artístico e ambiental, facilitando a leitura das mesmas sem apagar os vestígios da passagem do tempo com base no respeito ao material antigo, na documentação autêntica que essas obras constituem e, além disso, deve ser visto como um ato crítico de interpretação que não é verbal, mas se expressa concretamente na obra realizada. Ou, mais precisamente, é uma hipótese crítica e uma proposição sempre modificável, sem jamais alterar irreversivelmente o original. (Giovanni Carbonara. An italian contribution to Architectural Research. *Frontiers of Architectural Research*, 2021, vol.1)

Deste modo, recordemos também que a restauração é vista como pauta de discussão desde os últimos anos do século XIX e início do século XX, onde vinham sendo empreendidas diversas tentativas com o intuito de disciplinar e limitar as ações de restauração, tendo em vista que as más restaurações estavam causando prejuízos maiores às obras de arte do que a própria ação do tempo sobre elas. Nesse contexto,

³ Segundo o IPHAN, o “patrimônio cultural” de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e identidade desse povo.



Cesare Brandi, estudioso de notório saber acerca do tema, lança sua Teoria da Restauração, em que delimita preceitos teóricos que servirão de embasamento à prática do restaurador, aliando suas pesquisas teóricas nos campos da estética e filosofia da arte com as práticas e experiências desenvolvidas quando ainda diretor do Instituto Central de Restauração, em Roma. Dentro da obra de Cesare Brandi, serão considerados dois axiomas fundamentais para análise dos estudos de caso de restauração dos mobiliários da Universidade de Brasília a seguir.

1º. axioma: “restaura-se somente a matéria da obra de arte”

2º. axioma: “A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo”

(Cesari Brandi. “A Teoria da Restauração”, p.33)



Figura 2: Exemplo de móvel restaurado. Mesa dos Tratados do Palácio do Itamaraty, onde se assinou a “Lei Áurea”. Restauração do IFB.

Fonte: Próprio autor



2.3. Estudo de Caso: Sofá Odilon do Departamento de Artes Visuais

Sobre o Primeiro axioma: Se refere aos limites da intervenção restauradora, levando em conta que a obra de arte, em sua acepção, é um ato mental que se manifesta em imagem através da matéria e é sobre esta matéria – que se degrada - que se intervém e não sobre esse processo mental, no qual é impossível agir. Daí decorrem as críticas às restaurações baseadas em suposições sobre o “estado original” da obra, condenadas a serem meras recriações fantasiosas, que deturpam a fruição da verdadeira obra de arte. (Cláudia dos Reis Cunha, resenha: A atualidade do pensamento de Cesare Brandi, 2004, ano 3)

O primeiro axioma se aplica ao caso do móvel restaurado em questão, pois para fins de restauração, da maneira com que foi realizada, o restaurador limitou-se a apenas reproduzir o “estado original”, agindo sobre a matéria que se degrada e não sobre o “processo mental”, sobre o qual seria impossível agir. Ou seja, buscou-se apenas atuar na materialidade da obra, no cuidado em utilizar o mesmo revestimento de couro natural da cor “negra” empregados na peça original, assim como o uso da mesma madeira de jacarandá para sustentação do móvel.



Figura 3: Sofá em processo de restauração inicial.

Fonte: IFB

Desta maneira, ainda que a “espirituosidade” e “identidade própria” marcadamente brasileiras estejam representadas na obra de Sérgio Rodrigues, em termos de restauração, os elementos conceituais sobre o pensamento do autor na criação e concepção da obra, não são o fundamento para restaurá-la, mas a fidelidade em buscar a “unidade potencial da obra”, de como era antes de ser restaurada, sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, em consonância com a aplicação do que se estabelece no enunciado do segundo axioma.



Figura 4: Sofá Odilon em processo final de restauração (imagem à esquerda) e já restaurado, buscando no resultado o “estado original” (imagem à direita).

Fonte: IFB

Para citar outro exemplo de utilização dos preceitos de restauração preconizados por Cesare Brandi, temos as recém restauradas cadeiras do Auditório do Departamento de Música da UnB, atribuídas a Lelé, onde a restauração esteve sob a tutela da Prefeitura da Universidade de Brasília (figura 1). Interessante desta peça produzida por Lelé⁴, de conjunto de cadeiras constituídas basicamente por madeira maciça, ferro e couro sintético (o courvin) é a alusão que se sugere ao se sentar nas tiras de couro “soltas” e em se realizar o mesmo movimento das “redes indígenas”.

⁴ Outro grande personagem, não apenas da construção arquitetônica brasileira e da Universidade, mas também da confecção de um requintado e despojado mobiliário moderno, foi João Filgueiras Lima (Lelé). Inicialmente convocado por Oscar Niemeyer para atuar na campanha da construção da Universidade de Brasília, teve as seguintes funções: coordenador do curso de pós-graduação, secretário executivo do Centro de Planejamento e responsável pelo curso de técnica da construção.



Por ser uma peça excepcional “coletivo-unitária”, quando algumas “redes” são destruídas, forma-se um vácuo, onde algumas vezes se preenche com cadeiras comuns perdendo-se este “sentido coletivo” da obra (Figura 5). Portanto, aqui, tem um significado amplo de “preservação da coletividade” e podemos observar que em sua restauração, foram considerados os parâmetros aplicados em Cesare Brandi onde “com o intuito de integração, deverá ser sempre e facilmente reconhecível; mas sem que por isto se venha a infringir a própria unidade que se visa a reconstruir” (Cesari Brandi “A Teoria da Restauração”. p. 47).



**Figura 5: Auditório de Música da Universidade de Brasília.
Improvisação no uso de cadeiras “comuns” para os espaços onde o
assento original foi desmantelado (imagem à esquerda).
Obra após restauração anterior mostrando a peça “coletivo-unitária”
próxima ao original (imagem à direita)**
Fonte: Site Uol (acesso em 2021)

Neste caso da restauração das cadeiras do Auditório de Música, assim como no sofá Odilon, estão presentes outras aplicações de conceitos de Cesari Brandi como a de “que qualquer intervenção de restauro não torne impossível, mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras” (Cesari Brandi “A Teoria da Restauração” p.48). As intervenções futuras, em especial no caso do Auditório, farão com que se preserve à posteridade a ideia da obra original de “rede indígena”, atribuindo aos restauradores a incumbência de manter os mesmos materiais e o de preservar suas características próprias originais, quando os mesmos realizarem a restauração, conseqüentemente preservando a “obra original”.

Por fim, ressalta-se o valor inestimável das restaurações citadas e das demais que ainda serão realizadas pela Universidade e por outros órgãos, pois é através deste trabalho que podemos preservar o patrimônio legado e garantir a manutenção dos mobiliários para as próximas gerações, guardando o que se espera sempre de uma obra de arte de excelência, que possua longevidade e possa ser apreciada por muitos.



Governo do Distrito Federal Secretaria de Estado de Cultura Subsecretaria do Patrimônio Cultural
Coordenação de Museus e Patrimônio Diretoria de Preservação e Gerência de Conservação e Restauro
Laudo Técnico de Conservação e Restauro Nº 01/2019

UF MUNICÍPIO Universidade	IDENTIFICAÇÃO OBJETO Estofado Moderno		MATERIAL/TÉCNICA Couro Negro e Madeira	
ENDEREÇO Universidade de Brasília I SG-1 Visuais	TÍTULO Mobiliário Moderno da UnB com Restauração da IFB		NÚMERO PATRIMÔNIO FUB 318018	
LOCAL Sala dos Professores	AUTORIA / ETNIA Sérgio Rodrigues		PROCEDÊNCIA / MODO DE AQUISIÇÃO Mobiliário da UnB	
PROPRIETARIO/ RESPONSÁVEL UNB - Patrimônio	DATA DE PRODUÇÃO / COLETA/ COLETOR Julho / 2018		MARCAS/INSCRIÇÕES/LEGENDA Sim <input checked="" type="radio"/> Não <input type="checkbox"/>	
OBSERVAÇÕES: O mobiliário passou por recente restauração do IFB, no entanto já apresenta alguns rasgos e rachaduras.				
DIMENSÕES				
Altura	<input type="text" value="76cm"/>	Largura	<input type="text" value="1.69m"/>	Diâmetro: Mesmo da Profundidade
Profundidade	<input type="text" value="30cm"/>	Peso	<input type="text" value="+- 50kg"/>	Formato: Quadrado
DESCRIÇÃO: Mobiliário Moderno: Estofado de couro negro com Base de Madeira (13cm de altura) contendo três assentos (almofadados) também de couro negro, com assinatura Sérgio Rodrigues, já feito restauro.				
<input type="checkbox"/> ÓTIMO - tem aparência de novo	<input checked="" type="checkbox"/> BOM –tem boa aparência apesar de pequenas avarias	<input type="checkbox"/> REGULAR – poucas avarias que não interferem na leitura ou estrutura da peça	<input type="checkbox"/> Péssimo – muitas avarias que comprometem a leitura ou estrutura da peça	
Intervenção anterior?	<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Data/Ano	
1. Acréscimo/Corpo	2. Arranhões/r	3. Alterações de	4. infestação	5. Azinhavre



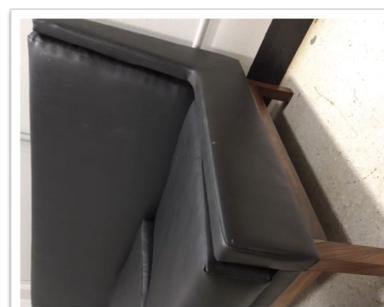
estranho	isco (X)	Cor		
6. Abrasão	7. Desprendimento	8. Empenamento	9. Excrementos de insetos	10. Etiqueta
11. Fungo	12. Furo	13. Irregularidades (X)	14. Craquelado	15. Inscrições
16. Mancha	17. Marca	18. Mossa	19. Ondulações	20. Perda
21. Próprio da Obra	22. Quebra	23. Rachadura (X)	24. Rasgo (X)	25. Intervenção Anterior
26. Repintura	27. Oxidação	28. Amarelecimento	29. Verniz envelhecido	30. Acidez
31. Desgaste pelo uso	32. Alteração de brilho	33. Reentelamento	34. Verniz craquelado	35. Problemas na moldura
36. Sujidade (X)	37. Vinco/ Prega	38. Pichação	39. Vandalismo	40. Outros

OBSERVAÇÕES:

Apesar de ter feito o restauro, já ocorreu de ter rasgos no couro, assim como sujeira que foi acumulada desde então. Mas ainda não há necessidade de novo restauro, apenas de conservação.

Local e data:
18 de outubro de 2019

Responsável técnico:
Eduardo Garcia



Anexo 1: Ficha Técnica: Restauração do sofá Odilon de acordo ao modelo disponibilizado pelo GDF

Fonte: Próprio autor



Conclusão

O Patrimônio Mobiliário Moderno e sua restauração é um assunto vasto, que vem ganhando espaço no meio acadêmico e entre as pessoas de toda comunidade. Para citar um exemplo, a restauração do Auditório de Música da UnB foi tema de uma postagem nas redes sociais da atual reitora Márcia Abrahão e sua equipe (ano 2021), parabenizando os responsáveis da prefeitura da UnB (PRC) pelo trabalho de restauração realizado. Este fato em si, nos revela uma atenção maior e interesse de autoridades sendo dadas a este tema da preservação e restauração do patrimônio brasileiro, em especial do mobiliário moderno.

Conforme vimos no artigo, a preservação e restauração mobiliária na prática, pode abarcar conceitos da Teoria do Restauo, como as de Cesari Brandi, e nos permite buscar um olhar mais abrangente sobre casos específicos como os citados estudos de caso do sofá Odilon e do Auditório de Música, que, sobretudo, partindo deste ponto de vista crítico e analítico, nos dão uma visão melhor sobre a “teoria sendo aplicada na prática” da restauração de móveis e amplia as possibilidades de trabalhar com os estudos teóricos de restauração em casos concretos.

Para aqueles que querem aprofundar no assunto, a Universidade de Brasília possui duas matérias de pós graduação que podem ser cursadas como “aluno especial”, na Faculdade de Arquitetura (FAU): Pensar e Agir sobre o Patrimônio Moderno e, no Departamento de Design (DIN), denominada “Tópicos Avançados em Design”; Design e Patrimônio Cultural: Mobiliário Moderno, esta última voltada apenas para o mobiliário moderno. Além destes, o Instituto Federal Brasileiro (IFB), no Campus Samambaia em Brasília, oferece periodicamente o curso prático de Restauo em Mobiliário Moderno, com carga horária de 160 horas. Ainda sobre o IFB, o Instituto possui uma pequena empresa que realiza trabalhos de restauração, o sofá Odilon do Estudo de Caso (3.2.) do presente artigo e a mesa dos Tratados (figura 1) foram restaurados pela empresa. Além desses, há simpósios, colóquios, mesas e exposições acerca do tema em Brasília, geralmente promovidas por órgãos públicos detentores de algum patrimônio mobiliário moderno, como a Câmara dos Deputados que, também em comemorações dos 60 anos de Brasília, através do Centro Cultural, apresentou a exposição do mobiliário da Câmara dos Deputados expondo 23 peças de seu mobiliário e realizando Mesas com estudiosos do assunto.

Por último, espera-se que o artigo tenha respondido, ou aclarado um pouco mais, a questão sobre o que fizemos e podemos fazer sobre o Patrimônio Mobiliário Moderno na Universidade de Brasília? Sabendo-se que pequenas ações podem ser transformadoras, os dois estudos de casos, do sofá Odilon e das cadeiras do auditório, citados no artigo, já demonstram algo de concreto sendo realizado, tendo em vista que há muito a ser feito ainda sobre a questão do Patrimônio Moderno na Universidade de Brasília, o primeiro passo já foi dado, portanto a caminhada já começou.



Referências



BRANDI, Cesare. (Livro) Teoria do Restauro. 1963

CALHEIROS, Alex. (Livro) Mobiliário moderno: das pequenas fábricas ao projeto da UnB / Marcelo Mari, Priscila Rossinetti Rufinoni, [organizadores]. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

CARBONARA, Giovanni. Artigo publicado em: Brandi e a restauração arquitetônica hoje, *Desígnio*, 2006, n. 6, p. 35-47. Tradução: Beatriz Mugayar Kühl.

COSTA JUNIOR, J. A. Arquitetos-designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília. 2014. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, UnB, Brasília.

GUIMARÃES, A. G. L. A obra de João Filgueiras Lima no contexto da cultura arquitetônica contemporânea. 2010. Tese de Doutorado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo.

KÜHL, Beatriz. Artigo: Cesare brandi e a teoria da restauração, 2007, *Revistas USP*, n.21, pág.198-211.

MARI, Marcelo. Artigo: Melancolia do moderno: móveis esquecidos de Sergio Rodrigues, V. 15, Nº 29, 2017. *ARS* (São Paulo). Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/123176>.

MAYNARDES, Ana Claudia. A dimensão emocional no design do móvel brasileiro. 2015. 243 f., il. Tese (Doutorado em Artes). Orientador(es): Martinez, Elisa de Souza. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/20320>.

Periódico: *Vitruvius*. Artigo: A atualidade do pensamento de Cesari Brandi. Nº 32. Ano 03, ago. 2004

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181>.

Periódico: *Prumo - Revista do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio*. Ano 4, Nº 04, outubro de 2018. Artigo. Texto e Contexto: Cesare Brandi e as Preexistências Urbanas. Disponível em:

<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/773>.

Periódico: *Oficina-Escola de Restauro de Mobiliário Moderno / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; (organização: Frederico Hudson, Fernanda Freitas Costa) 1ª ed. – Brasília: Ed. IFB, 2018. Disponível em:*

<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/issue/view/88/19>.

Periódico: *Oficina-Escola de Restauro de Mobiliário Moderno: Palácios do Planalto e da Alvorada/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília; (organização: Frederico Hudson, Fernanda Freitas Costa) 1ª ed. – Brasília: Ed. IFB, 2019. Volume 2. Disponível em:*

<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/issue/view/106/42>.



VASCONCELLOS, J. Caldas. Artigo: Ceplan - Construção e interiores na Universidade de Brasília, 2016. Porto Alegre.

VIEIRA-DE-ARAÚJO , Natália Miranda; LIRA, Flaviana. Artigo: Há algo há temer na teoria da restauração de Brandi? O mito paralisante do medo. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo Paranoá, Nº25, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/29287>.

ZAPPA, Regina, Bibliografia Sérgio Rodrigues – O Brasil na ponta do lápis. Cap.15, 2015. Site (disponível em: <http://www.institutosergiorodrigues.com.br/Biografia/17/A-bossa-em-Brasilia>. Acesso em 01/04/2021).

ZAPPA, Regina. Artigo: Sergio Rodrigues - O Brasil na ponta do lápis. Cap. 15. A Bossa em Brasília. Site do Instituto Sérgio Rodrigues. Texto e pesquisa: Regina Zappa. (Acesso em 10/05/2021). Disponível em: <http://www.institutosergiorodrigues.com.br/Biografia/17/A-bossa-em-Brasilia>.